

O bolchevismo hoje: lições, problemas, perspectivas (III) (a propósito do centenário do II Congresso do POSDR)¹

Tatiana Khabarova

Agosto de 2003

A resposta bolchevique actual à questão da superação da catástrofe – a concepção da situação actual da URSS como um país temporariamente ocupado, passível de ser libertado através do desenvolvimento da Resistência Patriótica do Povo Soviético.

NOS ANOS 20 do século passado, I.V. Stáline, com um raro vigor teórico-ideológico, formulou uma tese que, desculpem-me, até ao momento continuamos a escavar e não há maneira de a compreendermos, apesar de hoje ela nos ser cinco vezes mais necessária do que na altura era a Stáline.

Trata-se da tese – que atrás já analisámos – de que depois da Revolução de Outubro, o processo revolucionário mundial passou para uma nova fase histórica; a fase da sua conversão na **FORMA ESTATAL**, quando os trabalhadores se tornam classe fundadora do Estado e a luta de classes adquire – correspondentemente – igualmente um carácter inter-estatal, global, não se podendo já separar aquela que é travada no interior de um país socialista da que esbraveja fora das suas fronteiras. Proclamou-se como valor mais alto do processo mundial emancipador e expressão concentrada da sua energia não já a revolução no sentido tradicional da palavra, i.e., o golpe de Estado com o objectivo da tomada do poder, mas o destino do Estado da ditadura do proletariado fundado de facto, que na altura era apenas a URSS. O superior dever de classe do revolucionário-internacionalista autêntico era a defesa incondicional e sem reservas da URSS de quaisquer atentados contra ela, internos ou externos.

Nos nossos dias esta abordagem de Stáline (embora seja também uma abordagem leninista consequente) foi adoptada na concepção, desenvolvida pelo Movimento de Cidadãos da URSS e da Plataforma Bolchevique no PCUS, sobre a situa-

¹ Terceira e última parte da intervenção no clube político do Centro de Moscovo da Plataforma Bolchevique no PCUS, Moscovo, 14 de Agosto de 2003. (N. Ed.)

ção actual da URSS enquanto país temporariamente submetido à ocupação do imperialismo globalista e passível de ser libertado através do desenvolvimento da Resistência Patriótica do Povo Soviético de novo consolidado.

Esta é, segundo a nossa profunda convicção, a única resposta bolchevique actual possível à questão não já sobre as causas, mas sobre as vias de superação da catástrofe nacional eclodida.

Não vou falar aqui em pormenor sobre isto (...).²

Não vou também entrar na polémica estafada da nova revolução ou da guerra de libertação nacional, da classe ou do povo, etc., uma vez que, na sua essência, há muito que demonstrámos o dogmatismo e a caducidade irremediável das posições que se nos opõem. Sobre isso, desde o início dos anos 90, temos falado centenas de vezes, escreveu-se, muitos desses escritos estão publicados, e se os visados por estas publicações fazem de conta que nada daquilo existe – isso, concordarão, é uma questão da sua própria honestidade científica e política, que de modo nenhum nos diz respeito. Acresce que agora tudo isto está a ser publicado na Internet. Se antes podiam fingir que não conheciam os jornais *Svetotch*, o *Slova Kommunist* ou o *Za SSSR*, pois agora é muito mais difícil fingir total desconhecimento.

«A última camada» na herança criativa dos nossos clássicos – garantia da imortalidade do bolchevismo e da sua vitória definitiva à escala do globo terrestre. O modelo económico de Stáline.

Pois bem, a ideia de Stáline sobre a URSS como pico e culminar dinâmico de todo o processo de emancipação do trabalho, e isto é a ideia da **INDESTRUTIBILIDADE** objectiva da **URSS** – só veio a ser reclamada, como vêem, embora ainda não na devida medida, 80 anos após ter sido apresentada. Tal é o «*desfasamento*» do avanço do tempo histórico do pensamento de Stáline, um pensamento verdadeiramente bolchevique leninista. Sim, naturalmente que nos anos 20 esta ideia ajudou a prevenir uma agudização da situação internacional que nos era prejudicial. Mas o verdadeiro alcance desta visão de Stáline só hoje começa a revelar-se.

E eis, camaradas, para o que quero chamar a vossa atenção: no conjunto da herança histórica de I.V. Stáline, o segundo maior bolchevique do século XX, existe toda uma camada de elevadas iluminações da acção futura. São estas iluminações que constituem o principal contributo substancial de I.V. Stáline e de todo o bolchevismo soviético para o acervo doutrinário do comunismo, do marxismo-leninismo. E são precisamente estes rasgos de uma mente investigadora, investigadora e ao mesmo tempo realizadora, que no seu conjunto permitem afirmar – mesmo na nossa triste situação actual – com toda a convicção que a causa do bolchevismo, i.e., do comunismo consequente, é imortal e alcançará inquestionavelmente a vitória final não só no nosso país, mas à escala de todo o planeta. E mais ainda: não será preciso esperar assim tanto tempo por essa vitória.

De seguida responderemos à última das questões que hoje colocámos: o que foi conseguido e o que não foi totalmente conseguido pelos bolcheviques-stalinistas no

² A autora faz aqui um aparte que omitimos para remeter a audiência para o *site* da sua organização, na altura ainda em construção, onde começavam a ficar estão disponíveis vários materiais sobre a temática. (N. Ed.)

decurso da construção da nova sociedade na URSS – e, deste modo, quais os aspectos que devem ser concluídos pelo bolchevismo actual, após o regresso do Estado e do poder legítimo, i. e., soviético, ao território do nosso país e após a eliminação das consequências mais catastróficas da invasão inimiga.

Mais uma vez detenho-me apenas naqueles aspectos fulcrais – que designámos cimeiros – aos quais nos referimos atrás e que no seu conjunto constituem aquilo que no comunismo é historicamente indestrutível e imortal, ao contrário do que é passível de ser temporariamente destruído – por muito lamentável que seja.

A industrialização, a colectivização do campo, a revolução cultural e de quadros, a preparação acelerada para a guerra, que viria a ser a Grande Guerra Patriótica do Povo Soviético.

Estas grandiosas realizações estão descritas amiúde e por vezes de uma forma muito convincente na literatura soviética e na actual imprensa de esquerda, razão pela qual, com a vossa permissão, não irei falar delas. Outros já disseram e ainda dirão melhor do que eu. Falarei apenas do que ninguém, excepto eu, pelo que sei, **ATÉ AGORA** falou.

Nenhuma das realizações atrás referidas, que verdadeiramente marcaram uma época, teria sido possível se, em paralelo e a par delas, não se tivesse efectuado um intenso trabalho de busca de um esquema sistémico-estrutural, ou **MODELO** de economia nacional socialista. E esse **MODELO DE ECONOMIA SOCIALISTA COMO TAL** foi descoberto entre os anos 30 e 50; a Plataforma Bolchevique no PCUS propôs designá-lo como **MODELO ECONÓMICO DE STÁLINE**. Dado que não existiram objecções, então, conseqüentemente, este modelo passou a constar sob esse nome na ciência económica política actual.

Mais uma vez não vou entrar em detalhes; nos últimos anos falámos tanto deste tema que qualquer pessoa capaz de entender uma argumentação racional há muito que deveria ter reconhecido a nossa razão. Quanto àqueles que, deliberadamente, não querem ouvir, como de qualquer maneira não podem ser persuadidos, temos simplesmente de saltar por cima deles e deixar que a história os recompense pelos seus «*méritos*», verdadeiros e não virtuais, perante o Povo Soviético no momento mais difícil da sua vida.

Uma série de materiais fundamentais sobre esta problemática estão no nosso *site* e volto a repetir o convite já feito.

Foi pois descoberto – ou melhor «*vertido*» da própria prática económica inovadora do Estado Soviético – o modelo de economia

– inteiramente não explorador, no qual se socializa não apenas a propriedade dos meios de produção, mas também o processo de extracção e de distribuição do sobreproduto;

– economia claramente orientada para a contenção de gastos, e por isso não expansionista, auto-suficiente, fechada no seu mercado interno;

– economia onde não há lugar para o consumo supérfluo, e por isso não elitista, orientada para a satisfação activa das necessidades racionais e moralmente judiciosas de todos os membros da sociedade, sem a menor excepção.

– economia programada para a gradual auto-eliminação das relações monetário-mercantis, o que significa a superação do fenómeno do «*trabalho alienado*» e passagem futura em todos os domínios para o trabalho como realização das capacidades criativas do ser humano.

Se pensarmos, camaradas, temos aqui perante nós o único tipo de economia que a humanidade em geral necessita, quando finalmente se definir como constituída por seres pensantes e não por diferentes humanóides. E por isso esta descoberta do bolchevismo soviético estará acima de quaisquer «*governos mundiais*», de reagens e de bushes, de FMIs e de BIRDs, de éltines e pútines juntamente com tchubais e grefs³ e outra escumalha. Sim, com grande pena nossa, é possível dizer mal de uma esplêndida fábrica construída pelo povo, entregá-la nas mãos de um sórdido impostor, arruiná-la, pará-la, torná-la num bordel. Mas se forem conhecidos os princípios e o modelo – e, mais importante, se estes não estiverem perdidos intelectualmente – segundo os quais essas fábricas foram construídas às dezenas e centenas, então tudo pode ser ainda corrigido. E corrigido com juro – tal como fizemos depois da derrota dos hitlerianos em 1945, quando lhes «*corrigimos*» ainda um bom terço da Europa, de maneira que provocámos uma dor de cabeça ao Tio Sam do outro lado do oceano que durou meio século e lhe custou alguns biliões de dólares. Pode ser que na «*correção*» seguinte – ela acontecerá sem falta – fiquem para sempre sem garras nas patas.

O socialismo como processo.

Pode o próprio sistema de instituições de poder ser revolucionário?

O modelo democrático de Stáline.

PROSSIGAMOS pela nossa «*camada superior*».

A concepção do socialismo como **PROCESSO**, tipicamente marxista, é excepcionalmente produtiva: processo de «*transformação revolucionária do capitalismo em comunismo*» e não como um regime social terminado e estabilizado. Esta ideia foi organicamente assimilada pelos bolcheviques russos, a começar por V.I. Lénine.

O conteúdo deste processo no domínio da economia – como acabámos de lembrar mais uma vez – é a auto-eliminação gradual das relações monetário-mercantis e transformação histórica do trabalho-mão-de-obra em trabalho-criação.

Mas como se apresenta o processo de «*transformação revolucionária do capitalismo em comunismo*» no plano político, no patamar da superstrutural?

Aqui é preciso desde já sublinhar que quando falamos da passagem do processo revolucionário para a forma estatal institucionalizada tal não significa de todo o próprio conceito de revolução seja arquivado. Pelo contrário, este conceito adquire maior complexidade, numa forma correspondente, sendo que essa maior complexidade é qualitativa, o que levanta um novo problema de categoria «*ultra-c*», como se diz no desporto. Em concreto: como se pode conceber uma revolução institucionalizada, «*estatizada*»? Ou poderá o próprio sistema de instituições de poder ser revolucionário?

Dir-se-ia que se trata de um quebra-cabeças insolúvel, mas para o génio de Stáline (não foi por acaso que o comparavam a uma águia das montanhas) não havia nada insolúvel. E à pergunta quebra-cabeças colocada perante nós pela história respondeu convictamente: Sim.

³ Trata-se de Herman Óskarovitch Gref (1964), político russo de ascendência alemã, antigo ministro do Desenvolvimento Económico e do Comércio da Federação Russa (2000-2007) e actual presidente do *Sberbank*, o maior banco comercial da Rússia. (N. Ed.)

Com efeito, a revolução segundo Lênine é a manifestação superior da criatividade histórica do povo. Mas daqui decorre que quando o próprio povo toma nas suas mãos o poder de Estado não só é concebível, como é mesmo necessária uma construção do poder na qual esse potencial revolucionário, renovador, que está sempre presente no povo, se realize ordenadamente, à medida do seu amadurecimento e sedimentação, em todas as esferas da actividade social, através do sistema de instituições de poder. E não por meio de cataclismos sociais, os quais habitualmente se designam de revoluções e que, embora comportem um inquestionável princípio criador, também têm, infelizmente, uma carga niilista igualmente considerável.

Assim, a missão histórica universal da ditadura do proletariado consiste precisamente em criar um tal sistema «*respiratório*» interno, político-democrático revolucionário, no qual – como já repetimos várias vezes – o trabalho de cada membro da sociedade se transforme em trabalho por vocação, em trabalho-criação, e seja garantido a todos «*sem excepção*» o direito político e as possibilidades materiais de se revelar em toda a sua riqueza pessoal em qualquer domínio, de se revelar como individualidade criativa, como uma personalidade integralmente desenvolvida.

E aqui voltamos a ver o que vimos no caso anterior relativo à economia, i.e., a concretização deste **DESÍGNIO OBJECTIVO** do Estado proletário, da democracia proletária, no fim de contas também não está ao alcance de nenhuns EUA ou NATO, tamanha é a sua natureza histórico-universal e de toda a humanidade. A derrota que sofremos neste caminho – mesmo sendo tão arrasadora –, de qualquer maneira, pela própria lógica das coisas, só pode ser temporária.

I.V. Stáline, no final dos anos 20 início dos anos 30, traçou um esboço deste mecanismo decisivo da realização ordenada do inesgotável potencial das massas populares, que completaria a construção (não encontro agora uma expressão mais exacta) da ditadura do proletariado. Trata-se do programa de desenvolvimento da auto-crítica e da crítica das massas a partir de baixo, ao qual a Plataforma Bolchevique no PCUS propôs chamar **MODELO DEMOCRÁTICO DE STÁLINE**.

No entanto, temos de reconhecer que este programa, brilhante na sua concepção, estava na verdade irremediavelmente muito à frente o seu tempo e não foi levado à prática, o que mais tarde gerou diversas disfuncionalidades no desenvolvimento da nossa democracia.

Este é um dos pontos cuja cujo aperfeiçoamento nos cabe a nós fazer. Por decisão do I Congresso dos Cidadãos da URSS foi preparado um projecto de nova redacção da Constituição da URSS, o qual pode ser consultado na Internet, e onde estão inscritas estas duas descobertas geniais bolcheviques: o modelo económico de Stáline, o qual apesar de ter vigorado na prática não foi consagrado na Constituição, e o modelo democrático de Stáline, ou o programa da institucionalização da iniciativa crítica-criativa das massas de base.

**Momentos de ruptura no desenvolvimento
do sistema constitucional-jurídico soviético.
A fórmula «URSS».**

**A natureza ideocrática do Estado da ditadura do proletariado.
O princípio do direito de sufrágio universal, igual e directo.**

O desenvolvimento do sistema constitucional-jurídico soviético também encerra uma série de momentos de ruptura de importância histórica universal, sobre os quais seria tolice pensar que alguém ou alguma coisa – um borrachão do Comité do Partido de Sverdlovsk, um ignóbil vira-casacas *ex-KGB* ou um presidente norte-americano esquizóide – podem seriamente impedir a sua futura concretização à escala de todo o globo terrestre.

Em primeiro lugar é a própria fórmula constitucional-jurídica de **UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS SOVIÉTICAS**, ou do que se chama a resolução da questão nacional. A URSS é uma forma de união de povos, por vezes muito diferentes uns dos outros no plano etnocultural, na base da solidariedade de classe da gente do trabalho. A prática histórica mostrou que numa tal união a identidade nacional de todos, mesmo dos mais pequenos e menos desenvolvidos os grupos étnicos, não só não é beliscada, como alcança uma protecção total e um autêntico florescimento. Forma-se uma nova comunidade histórica de pessoas – o povo soviético. A URSS, aberta por princípio à adesão de novos membros, na sua essência é um protótipo perfeitamente delineado da futura república mundial dos trabalhadores, «*o país dos heróis*», como dizia a popular canção soviética, «*o país dos sonhadores, o país dos cientistas*».

No que respeita às deficiências desta construção, que se verificaram na União Soviética (onde é que não as há?), elas tiveram um carácter histórico-concreto, podiam ser superadas, e as nossas propostas a este propósito constam do projecto de nova redacção da Constituição da URSS.

Em segundo lugar.

Em segundo lugar é o tema relacionado com a legitimação da natureza **IDEOCRÁTICA**, ou da natureza racional definidora de objectivos do Estado da ditadura do proletariado, da sua capacidade não apenas de planificar, mas também de estabelecer objectivos estratégicos consistentes a longo prazo no interesse do povo trabalhador, do povo-criador. A este princípio ideocrático, no nosso regime sociopolítico, atribuiu-se historicamente o nome de «*partido*», que não corresponde, em geral, à sua verdadeira essência. De modo que, para já, na presente etapa, trata-se de estruturar o Partido Comunista e todo o círculo de relações que encerra na Constituição do país.

Nesta matéria, mais uma vez, I.V. Stáline teve um papel pioneiro ao incluir na Constituição da URSS de 1936, a qual é merecidamente chamada Constituição de Stáline, o notável artigo 126.^o⁴ Felizmente que esta iniciativa auspiciosa não foi

⁴ O artigo 126.^o da Constituição da URSS, aprovada em 1936, dispõe o seguinte: «*Em conformidade com os interesses dos trabalhadores e para fins do desenvolvimento da auto-iniciativa organizada e da actividade política das massas populares, aos cidadãos da URSS é garantido o direito de associação em organizações sociais: sindicatos, associações cooperativas, organizações de juventude, organizações desportivas e de defesa, sociedades cultu-*

cortada na Constituição da URSS de 1977, onde o referido artigo passou para sexto lugar. E, finalmente, no nosso projecto de Constituição de 1997, figura já não como artigo sexto, mas como capítulo sexto, que é inteiramente dedicado a esta problemática.

É necessário apenas precisar que a concepção do partido bolchevique como «*principal força orientadora no sistema da ditadura do proletariado*»⁵ foi desenvolvida por I.V. Stáline muito antes da elaboração da Constituição de 1936, e podemos encontrá-la, já na sua forma final, na sua obra clássica, *Questões do Leninismo*, datada de 1926.

Em terceiro lugar.

Em terceiro lugar é a adopção resoluta ou mesmo o regresso de I.V. Stáline ao princípio do sufrágio universal, igual e directo na Constituição de 1936. Lembro que no Programa do POSDR, aprovado no II Congresso, esta é apenas uma das principais exigências constitucionais dirigidas à futura «*república democrática*»,⁶ por sinal a segunda da lista.⁷ Ulteriormente, por diversas razões que não podemos aqui tratar, este grandioso princípio democrático foi temporariamente substituído pelo arcaico sistema indirecto da chamada eleição por vários degraus. Este tipo de eleição era apresentado – e continua hoje a ser apresentado pelos nossos pseudo partidos comunistas, por muito lamentável que seja – como um procedimento genuíno da organização proletária das eleições. Na realidade este arcaísmo político simplesmente aparta as grandes massas de trabalhadores da participação real no poder, e o facto de I.V. Stáline ter acabado com esta confusão é também um dos seus maiores méritos.

Mas também aqui temos de fazer algum trabalho. Trata-se nomeadamente da necessidade de eliminar os vestígios das eleições por degraus onde ainda existem: no sistema judicial e – esta é uma questão fundamental – no partido.

No que respeita ao sistema judicial, este só se tornará verdadeiramente popular, o que significa não corrompido e não burocrático, quando os magistrados, incluindo os do Tribunal Supremo, forem eleitos directamente pelo povo e se tornarem, desse modo, passíveis de escrutínio pelo eleitor de base.

No domínio da organização do partido não sairemos do lugar nem resolveremos os velhos problemas que todos conhecem enquanto não introduzirmos o sufrágio interno universal, igual e directo, i.e., dos delegados a todos os fóruns partidários, da conferência regional até aos congressos, bem como a apresentação de candidaturas a todos os postos de direcção no partido directamente pelas células de base, pelas massas comunistas de base. O projecto de Estatutos do Partido, elaborado logo

rais, técnicas e científicas, e os cidadãos mais activos e conscientes das fileiras da classe operária e outras camadas de trabalhadores associam-se no Partido Comunista de Toda a União (bolchevique), que constitui o destacamento de vanguarda dos trabalhadores na sua luta pela consolidação e desenvolvimento do regime socialista e representa o núcleo dirigente de todas as organizações de trabalhadores, tanto sociais como estatais».

⁵ *Questões do Leninismo*, I.V. Stáline, *Obras* (em russo), t.8, p. 35

⁶ Cf. *O PCUS nas suas Resoluções e Decisões*, Parte I, p. 40.

⁷ O Programa do POSDR, aprovado no II Congresso, indica, em primeiro lugar, que a Constituição da futura república democrática deveria garantir «*o poder popular, i.e., a concentração de o poder superior de Estado nas mãos da Assembleia Legislativa, constituída por representantes do povo e numa única câmara*», idem, ibidem. (N. Ed.).

em 1994 pela Plataforma Bolchevique no PCUS, foi publicado no nosso boletim informativo, na altura com uma mísera tiragem. Em breve estará disponível na Internet.

Depreende-se que o próprio princípio do sufrágio universal, igual e directo não é nenhum dogma rígido e que também ele necessita de ser desenvolvido posteriormente, aliás de forma bastante substancial. Isto também daria pano para mangas, mas como tenho de abreviar, volto a repetir o convite para visitarem o nosso *site*, onde tudo isto está exposto no meu relatório «*O País que não perdemos*», o qual é um trabalho explicativo do nosso projecto de nova redacção da Constituição da URSS.

Quem pode ser hoje considerado bolchevique-stalinista?

Prezados camaradas, o formato da nossa iniciativa não permite abordar todas as questões que, neste caso, deviam ser tratadas. Desde já concordo com os reparos que forem feitos por se ter omitido isto, aquilo e aqueloutro. Nenhum dos participantes deste clube político está impedido de fazer os seus acrescentos.

A minha tarefa incluía concretamente a demonstração de que o bolchevismo, ou o comunismo consequente na sua forma leninista-stalinista mais pura e radical, não é de longe uma página virada da nossa história nacional e mundial. Pelo conjunto da gigantesca obra que empreendeu em todas as direcções do desenvolvimento social, este não é um episódio descartável, mas sim o verdadeiro início da nova era, cuja cronologia começa não já com o nascimento de Cristo, mas com o nascimento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. É uma grandiosa promessa histórica universal feita à humanidade por várias gerações de soviéticos e nós, actuais patriotas soviéticos, e aqueles que inquestionável e inevitavelmente se juntarão a nós num futuro próximo, temos o dever **OBJECTIVO** de confirmar intelectualmente esta promessa e prosseguir o seu cumprimento.

Mais algumas notas finais.

Quem pode ser hoje considerado bolchevique-stalinista?

Hoje um bolchevique-stalinista – como decorre de tudo o que atrás foi exposto – é:

– uma pessoa que propaga a ideologia do patriotismo soviético, como forma contemporânea da doutrina marxista-leninista, adequada às realidades existentes;

– que reconhece que a URSS não foi eliminada (e não pode ser eliminada), e continua existir numa situação de ocupação temporária pelas forças e estruturas do capital transnacional;

– que reconhece que a Constituição da URSS continua vigente *de jure* em toda a sua dimensão e, desse modo, a multiplicidade de partidos pseudo comunistas no território da URSS constitui, à luz das normas soviéticas, um fenómeno inteiramente anticonstitucional, que não pode ser justificado por nenhuma circunstância criadas;

– e, finalmente, é uma pessoa que vê a saída da tragédia que vive o país na nova consolidação do Povo Soviético (cujo núcleo, recordamos, segundo a Constituição da URSS é constituído pela classe operária revolucionária), na organização da Resistência Popular aos ocupantes e seus fantoches, no desenvolvimento da luta do

Povo Soviético pela liberdade e independência, pela integridade territorial da sua Pátria Socialista.

Apesar de precisarmos de recorrer a diversas manobras táticas, estando nós num território temporariamente ocupado, por princípio, na luta de libertação do povo soviético não poderão ser utilizados meios, métodos, estruturas ou disposições ideológicas, em ampla escala, que contrariem na raiz as normas constitucionais soviéticas.

Referimo-nos, por exemplo, à admissibilidade da propriedade privada; à ideia inculcada insistentemente no povo de que o destino do país, alegadamente, pode ser alterado por via da participação nas eleições organizadas pelos regimes de ocupação; ao reconhecimento político e ideológico, seja em que medida for, da legitimidade dos regimes de ocupação; igualmente à substituição do Partido Comunista da União Soviética por diferentes partidos comunistas criados de raiz no quadro do famigerado multipartidarismo, dos quais o povo soviético não tem absolutamente nenhuma necessidade, que amiúde negam até o facto de povo soviético continuar a existir, não exprimem os seus reais interesses e não contribuem para o seu alcance.

Para a libertação do país o Povo Soviético só precisa objectivamente de um PCUS bolchevizado. Se nos disserem que o PCUS foi contaminado pelo gorbatchovismo e outras podridões semelhantes, então teremos de lembrar que também o PCU(b), nos anos 20 e 30, estava cheio de trotskistas e bukharinistas e deus sabe que mais ainda. Mas isso não levou I.V. Stáline a tentar criar sozinho algures um novo partido. O PCU(b) de então era o símbolo do Estado soviético e não podia ser entregue à mercê do inimigo, tal como a própria URSS. Infelizmente, uma noção tão clara da situação absolutamente análoga em torno do PCUS é praticamente inexistente nas massas do nosso movimento comunista.

E por isso é pertinente constatar, em conclusão de toda a nossa análise de hoje, que a primeira organização que levantou resolutamente a questão de que o partido se tinha desviado do caminho do bolchevismo e da necessidade de retomar esse caminho foi a Plataforma Bolchevique no PCUS. A Plataforma Bolchevique foi também um dos promotores – digamos assim por enquanto – do processo de reconstituição do PCUS entre 1991 e 1993. E não obstante os nossos parceiros nesta empresa terem tido «sucesso» em levar as coisas para mais um impasse, este impasse é temporário e superável; não cessámos nem cessaremos os nossos esforços, simplesmente alterámos a sua forma em conformidade com a situação.

Em 1995 realizou-se o I Congresso de Cidadãos da URSS, cujos materiais estão agora disponíveis na Internet, tal como os materiais do II Congresso realizado em 2001; não vou comentá-los, pois estão ao alcance do entendimento de qualquer pessoal razoável. Erguemos um enorme maciço de concepções teórico-ideológicas sem as quais – desculpem-me a necessária imodéstia – não será possível com absoluta certeza reconstituir um Partido Comunista nacional de toda a União.

V.I. Lénine, no seu brilhantíssimo artigo «*A vitória dos cadetes e as tarefas do partido operário*», o qual citámos várias vezes nos nossos clubes políticos, escreveu o seguinte sobre o «*papel revolucionário dos períodos reaccionários*»:

«(...) *Os períodos de criatividade política directa das massas alternam-se na história com períodos (...) em que as massas se calam ou dormem (aparentemente dormem), oprimidas e esmagadas pelo trabalho forçado e pela necessidade (...)*». E é então que «*o pensamento dos representantes da vanguarda da razão humana faz o balanço do passado, constrói novos sistemas e novos métodos de investiga-*

ção. Pois eis que também na Europa o período após o esmagamento da revolução de 1848 se distinguiu (...) pelo trabalho do pensamento que, mais que não seja, criou *O Capital de Marx*.»⁸

Certamente que não pretendemos ombrear com *O Capital*, mas não é susceptível de quaisquer dúvidas que a história do renascimento comunista no nosso país será a história do regresso à cena política do PCUS, rearmado com o bolchevismo contemporâneo. E quais são os contornos fundamentais do bolchevismo contemporâneo – pelo menos alguns, os principais? Foi a isto que, no fim de contas, esta minha intervenção de hoje foi dedicada.

⁸ «A vitória dos cadetes e as tarefas do partido operário», V.I. Lênine, *Obras Completas* (em russo), t.12. pp. 331-332.